

O CASAMENTO CIVIL

E AS SENHORAS

1.ª Carta

O sexo feminino tem-se feito valer um pouco na grande questão da actualidade. Mas, porque inexplicavel prodigio despertou elle do seu longo silencio de seculos? Que varinha magica, que choque electrico o impelliu a todas idéas e raciocinios da sua propria ignorancia: coragem e forza da sua propria fraqueza? Porque motivo, pondo de parte, por um instante a agulha, o piano, o romance, suas occupações habituaes, acudiu á imprensa e ás camaras para fazer soar mais alto o seu debil brado? É porque a voz mysteriosa e infallivel do seu intimo instincto lhe advertiu que a mulher ia ser atacada nos seus mais sagrados direitos de esposa e de mãe; ia ser considerada, não como um ente intelligente e racional, mas como um *animal* que se põe aqui, ou ali á vontade de seu *dono*, sem que para isso se consulte a sua vontade. — Ia armar-se um laço á boa fê de umas, á espantosa ignorancia de outras, á nullidade intellectual da maior parte, á communicada irrelição de que se acha influenciado o espirito de muitas, e desgraçadamente á absoluta dependencia de quasi todas!

Mas, porque não tomariam a defensiva aquellas senhoras que, por especialissimos motivos, se não acham inteiramente nas circunstancias acima citadas?

É o que algumas tiveram assaz de bom senso para comprehender.

Expondo-se a serem o alvo de todas as invectivas do partido libertinista de ambos os sexos; affrontando as contradicções e escolhos sem numero que se atravessassem na senda escabrosa que iam trilhar; sem contarem com outro apoio senão o de Deus, na defeza da causa sagrada de uma religião á qual devem o triste resto da consideração que gosam ainda na sociedade, publicaram no dia da immaculada Conceição de Maria Santissima sua invocada Protectora, o seguinte protesto

« Só homens sem entranhas nem coração, só homens cegos e des-
 « cridos, e que, talvez, (desgraçados !) não conheceram mãe ! não tem
 « esposa, nem filhas, nem irmãs, poderão approvar jámais o mons-
 « truoso projecto de legalisar a deshonra da mulher ! !

« Nós que pertencemos a esse sexo, hoje tão indignamente ultra-
 « jado, protestamos contra a projectada lei do casamento civil. Regei-
 « tamos as pretendidas vantagens que ella possa prometter-nos : não
 « reputamos como sagrados outros laços senão aquelles que Jesus
 « Christo consagrou, não queremos outras cadêas, nem outra liber-
 « dade se não aquellas que a Religião auctorisou.

« Em nome dos nossos mais caros interesses ; interesses de hon-
 « ra, interesses de coração, interesses de felicidade domestica, e de
 « dignidade social ; em nome das nossas filhas que hão de ser as
 « mães da geração futura e a quem procuram desde já manchar o
 « berço ; em nome de tudo quanto se possa invocar de mais sagrado
 « e caro, Religião, familia, e patria, protestamos contra essa lei ini-
 « qua, e protestamos com todas as faculdades da nossa alma, com
 « toda a energia do nosso querer. »

A appareção deste documento fez tocar a rebate os propagandis-
 tas do casamento civil, de um modo bem incivil ! — Injurias, sophis-
 mas, atrevimentos, mentiras, (armas de facil manejo quando se não
 podem empregar as da razão, e do raciocinio) tudo foi habilmente
 empregado para lhe deshonestar o fim, e atalhar o resultado ! Agui-
 lhoaram a *supremacia dos maridos, e a auctoridade paterna* ; lison-
 gearam artificialmente as senhoras, fazendo-lhes um trophêo da sua
 nullidade, e um merito da sua ignorancia ; metteram-se como abel-
 lhudos nas casas alheas a dar conselhos que lhes não eram pedidos,
 passando gratuitamente diplomas de tolos aos seus concidadãos.

Foi nesta occasião que uma senhora recorreu á imprensa para
 defender, com tanto espirito como delicadeza, os nossos direitos de
 reclamação tão incompetentemente violados. A energia do seu nobre
 e generoso efforço traduz-se na seguinte carta, que appareceu na
Nação de 28 de dezembro de 1865.

« Sr. Redactor do Jornal do Commercio. — No seu jornal de sab-
 « bado, sob a epigraphe de *Cautela*, li um artigo que me surpre-
 « henden, pelo fundo de oppressão que revelaes. Extranhei que um
 « jornal tão acreditado pelas idéas liberaes que tão calorosamente de-
 « fende, publicasse um artigo aconselhando o despotismo e tyrannia
 « aos chefes de família, affirm de obstar que as filhas, esposas e ir-
 « mãs protestem, se assim o entenderem, contra o casamento civil.

« Diz v. s.^a que o protesto que as senhoras tencionam enviar as
 « côrtes é, segundo o informaram, concebido em termos incoherentes.

« *tes para ser assignado por pessoas que respeitam a delicadeza do seu sexo.*

« Os seus informadores enganaram-no; eu fui mais feliz que v. s.^a
« Vi um desses decantados protestos, e posso affiançar-lhe, que cheio
« de dignidade femini e decencia revela pelo seu estylo elegante a
« intelligencia da senhora que o escreveu.

« Sem entrar na questão do casamento, questão civil, intermina-
« vel e aborrecida, direi que a mulher não *deve* ser excluida della,
« e e mesmo por ter, como v. s.^a diz, uma missão de paz a cumprir
« que a mulher tem direitos incontestaveis a emittir a sua opinião no
« caso sujeito.

« É a mãe ensinando ao filhinho o Padre Nosso quem imprime
« no coração do homem os primeiros sentimentos de religião e mo-
« ralidade.

« É a esposa aconselhando-o á cordura e ao perdão das injurias,
« quem reconcilia inimigos implacaveis.

« É ainda a mulher debruçada sobre o leito de morte quem com
« uma mão limpando o suor de agonia, com a outra indica ao homem
« o céu fallando-lhe da misericordia Divina e da vida Eterna!

« Se (como é incontestavel) a mulher é a primeira, e ultima con-
« solação do homem, como poderá elle conscienciosamente negar-lhe
« voto em materia na qual ella é a parte mais interessada? Termina
« v. s.^a o seu artigo, com uma pergunta: *Que sabem ellas das polé-
« micas politicas e civis?*

« Responder-lhe-hei com outra pergunta.

« Crê v. s.^a que Deus creou duas ordens de almas?

« Eu não!

« A mulher que pela educação e intelligencia se eleva superior aos
« prejuizos da sociedade, não so se nivela com os homens superiores,
« mas a maior parte das vezes excede muito aquelles, que, chaman-
« do-lhe o *bello sexo*, vão contestar-lhe fôros de creaturas racionaes.

« Peço-lhe o favor de publicar no seu illustrado jornal estas li-
« nhas, que são o *meu protesto* contra o seu artigo anti-liberal. —
« De v. s.^a terneradora e attenta,

Magdalena. »

Respondeu-se a esta carta de um modo altanado e grosseiro, com allusões mal cabidas e calumniosas, aos padres, ás associações de piedade, e até á politica que, com tanto cuidado procuramos afastar do nosso campo como materia que não nos cumpre discutir.

A illustrada dama ainda lhes fez a honra de se lhes dirigir directamente!!! E se bem que n'um estylo levemente ironico, sempre decente e delicado, soube apresentar raciocinios irrespondiveis em favor da nossa causa. Sentimos não ter á vista este specimen do ta-

lento de uma senhora, para o transcrevermos neste lugar, mas supprime-o o seguinte artigo que se lê na *Nação* de 2 de janeiro de 1866 :

« Declarou-se um terrível ataque d'hydrophobia no *Jornal do Commercio e Portugal*, quando souberam da existencia de um protesto de senhoras contra o casamento civil. Até aqui não tínhamos um signal sensível da benção de Deus sobre o humilde acto da nossa adhesão á sagrada causa do Sacramento, que santifica o acto mais importante da vida da mulher ; mas agora essa benção revelou-se, e o demonio presentindo-a vomitou os seus furores. . . Ainda bem ! Os vituperios que elle dictou são os nossos titulos de gloria ! Minhas senhoras, não posso dar-vos mais apraziveis cumprimentos de boas festas ! Parabens — mil vezes parabens ! O demonio do odio, da vingança, e da impiedade enraiveceu-se ! É porque Deus é a nosso favor. Não esmoreçam — assignem, assignem. Que desde o palacio até á cabana, toda a voz feminina e christã brade em favor dessa Religião Augusta, a unica, que dá á mulher o direito de provar que tambem é *gente* ; que tem uma intelligencia capaz de extrahir a verdade do erro : que sabe o que lhe convém sem precisar dos avisos do *Jornal do Commercio* — e contra as pretensões exclusivas desse sexo, que, na maxima parte, sempre procurou annullar as faculdades intellectuaes do nosso, mostremos que temos uma alma como a delles ; porque a alma não tem sexo.

« Em todos os tempos calamitosos do Christianismo, as mulheres se sacrificaram com inaudita coragem em testemunho da sua fé ; por ella derramaram o seu sangue ; e a Igreja não as condemnou por sahirem dos limites prescriptos ao seu sexo — O que a Igreja não condemna ninguem mais tem o direito de condemnar.

« Chateaubriand disse que — em tempos difficeis cada christão é um confessor de Jesus Christo — Confessar a Jesus Christo, é desfender os Sacramentos que sahiram do seu Ceração.

« Mr. de Ségur exhorta a todos : homens, mulheres, rapazes, raparigas, velhos e moços, que façam a obra de Deus. Os que podem fallar, que fallem ; os que sabem escrever que escrevam ; os ricos dêem por ella o seu oiro, os pobres o seu pão, e todos as suas orações e o seu sangue.

« É certo que nem todos tem vocação para o martyrio, mas agora não se trata de apresentar a cabeça ao ferro do algoz, nem de ir dormir nas Catacumbas ; já não estamos na época dos Dioclecianos e Maximinos ; a perseguição de hoje é mil vezes mais temivel, porque é mais capciosa, mais calculada, mais traidora ; visa só a matar a alma pelo indifferentismo e pela descrença, sem fazer uma beliscadura no corpo. Nova tactica dessa eterna guerra de satanaz contra Deus !

« Não temam, pois, minhas senhoras, ver o seu nome arrastado

« pelo lamaçal do jornalismo impio. Um raio do sol por cahir sobre
« o lodo, não fica por isso menos puro.

« Seria uma pretensão sacrilega querer que os nossos nomes fos-
« sem mais privilegiados, do que o estão sendo tantos centenares
« delles por todos os motivos respeitaveis, hoje torpemente calum-
« niados; como o estão sendo o nome da heroica rainha de Napoles,
« Maria Sophia, a quem accusaram de adulterio; o nome de Santa
« Thereza de Jesus, a quem trocaram o amor divino em amor sen-
« sual; o nome sagrado do nosso Chefe e Pontifice Pio IX, a quem
« accusam... de tudo! e finalmente, oh! dor! o immaculado Nome
« de Maria Santissima, a quem injuriaram a virgindade; e o Sacro-
« santo Nome de Jesus Christo, a quem negaram a Divindade!!

« Á vista d'isto ousaremos nós allegar em favor da nossa tibieza
« o *melindre* do nosso sexo?! O melindre do nosso sexo! o seu bra-
« zão, a sua aureola é a verdadeira honestidade, não a que se basca
« no orgulho ou respetos humanos; mas a que é inspirada pela re-
« ligião, e escudada pela humildade, e esta, nunca a poderão attingir
« os traços d'uma penna ignobil.

« Juntemo-nos, pois, sem distincção de classe, n'uma heroica pha-
« lange; será um spectaculo novo e bello em homenagem Àquelle,
« que foi por nosso amor coberto de injurias e pregado n'uma Cruz.

« Se eu pudesse, a cada uma de vós imploraria de joelhos e de
« mãos erguidas; fallaria com toda a força da minha convicção, faria
« estremecer todas as fibras do vosso coração, e á força de sensibi-
« lidade achar-me-iam assaz eloquente!

« Resta-me agradecer áquelles que nos mimosearam com os seus
« insultos. Praza a Deus que por cada um delles o Céu lhes retribua
« em milhares de bençãos. Trocada em flores a corôa de espinhos
« com que pretendem ferir-nos, os seus perfumes nos embriagam de
« gratidão e reconhecimento.

« Seja-lhes sempre propicio o rapido sonho que se chama vida;
« e quando esse sonho se *desvanecer* para acordar na eternidade, o
« que talvez não tarde muito tempo, que os seus ultimos momentos
« sejam tão piedosos e edificantes como... os do ex.^{mo} conde de Mello.
« Ai! eu agora não queria fazel-os rir porque sinto as lagrimas inun-
« dar-me os olhos, lagrimas, sim!... sempre *lagrimas* é o apanagio
« da mulher! A mulher impia chora as vezes; chora e reza a mu-
« lher religiosa; chora sempre a mulher *desgraçada* — a *mulher feliz*
« chora tambem — chora os seus erros, chora os alheios — chora na
« alegria e na dor, pela religião, pela patria, por tudo, e chora muito,
« muito, é o seu destino sobre a terra.

Uma signatoria do protesto. »

Desta vez o tiro foi tão certo ao alvo que a dor se desabafou em nova trovoadade de improperios.

Sem se lembrarem que tinham sido os aggressores pozeram-se quasi a chorar e a gritar: que os tinham insultado, introduzindo-lhe na mão branca e fina uma penna *ignobil* e bem *pesada*, e attribuindo-lhes tão feia molestia como é a hydrophobia!

Chamaram-nos *grosseiras* — disseram que não podiamos ser, nem *esposas recatadas*, nem *donzellas pudibundas*, nem *matronas respeitáveis*, nem *mestras de meninas*, nem *anjos de consolação*, nem nada..

Ficou decidido que somos só tartufos de mascara, que queremos ir brigar na imprensa — fazer uma revolução feminina, e proclamar mos a republica... das Amazonas!

Tambem o citado artigo acaba com um generoso perdão — não gostaram do rasgo por ser velho... lá isso é verdade! é tão antigo que tem 19 seculos de existencia; é cuevo dos Apostolos, e começou quando Nosso Senhor Jesus Christo nos ordenou o perdão das injurias.

Tambem tiveram a chistosa lembrança de fingirem aos ex.^{mos} reductores da *Nação* de saia e touca para defenderem as senhoras, como se o não podessem fazer mesmo de calças... Elles que são tão distincta e nobremente cavalheiros... ora!...

Olhem a *Nação* que figura faria vestida de mulher!!... E quem tem isso? Seria uma bella e nobre allegoria — Uma estatua monumental segurando com uma das mãos o Evangelho e a Cruz — e com a outra indicando ás damas portuguezas a Religião da patria.

Se alguns homens se lembrassem que hsteam uma bandeira que tem por divisa estas tres retumbantes palavras — LIBERDADE — IGUALDADE — FRATERNIDADE — não desmentiriam essa *liberdade* aggreddendo a que nos temos de protestarmos o que quizermos protestar — Não insultariam essa igualdade ridiculisando as *Jougunas Marias*... (tal vez porque as suppõe plebeas) por que as honestas filhas do povo tem *iguais* direitos aos demais cidadãos — Não renegariam essa *fraternidade* insultando cobardemente senhoras que nunca os offendiam... nós, suas *irmãs* por Adão e pela patria!

Se alguns homens tivessem a consciencia da sua dignidade liberal, longe de stigmatizarem o nosso protesto antes dariam a suas mulheres, filhas, irmãs, afilhadas, e creadas: — « Participo-lhes que existe um protesto de senhoras contra o casamento civil — se quiserem assignar, assignem: somos *todos livres*, habitantes de um *paiz livre* aonde é permitida a *libre* manifestação do pensamento. Prohibir-lho seria cuspir insultuosamente na nossa bandeira, mentir indignamente ao nosso programma. »

Mas de que serve estar a gente a matar-se com elles? invocar a razão, a justica, o sentimento, e até as suas proprias leis?... Er neste logar que vinha bem a proposito aquelle verso de um poet

celebre: = *A nada o bruto se move!* ... = mas esta expressão... retro-a... não sou poeta...

Cumprê responder áquelles que notam a *nostra minoria*, com as seguintes reflexões:

Em uma assembléa assaz numerosa de homens, quantos notavelmente sabios e illustrados se poderão apurar? quatro ou cinco — o muito! — Quantos verdadeiramente homens virtuosos? dous ou tres — se tanto! ainda menos que os sabios. Ora pelo que respeita ao sexo feminino apesar de ser a *melhor* metade do genero humano dá-se quasi a mesma differença. Em um ajuntamento de senhoras quantas se extremam que sejam completamente formosas? — muito raras! — Quantas christãmente virtuosas? — algumas — Quantas solidamente instruidas — muito poucas — logo, o que ha de mais bello, de mais nobre, e de melhor na sociedade é sempre em notavel minoria, e por isso não admira que a porção mais virtuosa e mais sensata do sexo feminino esteja do nosso lado, como uma minoria de que nos honrâmos muito.

Ainda assim, não contâmos só as senhoras que têm enviado os seus nomes á *Nação* e ao *Bem Publico*.

E as senhoras que se dirigiram ás camaras, entre as quaes se conta tudo quanto ha de mais distincto na primeira aristocracia?

E as que deixam de assignar só pelo terror que tem das perseguições e dos jornaes?

E outras que tem medo que tirem os empregos aos maridos, ou filhos?

E outras que não viram ainda o protesto? (por que as senhoras da commissão não conhecem todo o mundo.)

E outras boas pessoas que infallivelmente seriam do nosso gremio se não fossem influenciadas pelos manos, primos, etc. que caricados de alardearem por esse mundo a sua vasta nulidade, vão fazer de oráculos em casa!...

Ainda se tem feito outro reparo da suppressão que muitas senhoras fazem dos seus titulos e appellidos: a isto responde mui nobremente o illustrado redactor do *Bem Publico* — Copiando-o aqui, achei o segredo de acabar elegantemente a minha carta, e tambem o meio de agradecer ao distincto escriptor a sua benevola e valiosissima apreciação:

« É um documento (o protesto) de uma importancia que ninguém « desconhece, e que ainda se torna maior pelas circunstancias que « o acompanham.

« Nota-se nelle não ter nenhuma usado do *Dom*, do qual muitas « das signatarias tem indisputavel direito a usar; e que diversas ou- « tras supprimem os seus titulos ou appellidos de familia.

« Parecendo nos que a supressão do *Dom* seria effeito da idea
 « generosa, de que no ponto sujeito não ha distincções; (e *e ver-*
 « *dade*) que titulares, nobres, e plebeas confundem-se n'uma só de
 « nominação — mulheres — (e *christãs*) com os mesmos direitos, o.
 « mesmos deveres, e a mesma dignidade. applaudiamos de todo o
 « coração esta nobre resolução que viria mostrar praticamente a sua
 « ternidade catholica.....

Concluo aqui e fica respondido a todas as semsaborias passadas
 presentes, e futuras com que nos queiram brindar, recebendo-as po
 amor de Nosso Senhor Jesus Christo; e como não quero aturar con
 o meu nome á posteridade (que bem o merecia!!!) só assigno a
 quatro verdadeiras iniciaes do meu verdadeiro nome

M. G. C. F.

2.ª Carta

Depois de ter assignado o protesto das senhoras contra o casamento civil, tinha tambem protestado, cá de mim para mim, soffrer com paciencia todas as descomposturas, allusões temerarias, e destemperos sem conto que necessariamente haviam de chover sobre nós.

Era pela religião, devia soffrer sem me queixar, sem reagir, sem dar o minimo signal de vida, e assim o fiz por algum tempo. Mas... ó velleidade do espirito humano, ou antes do espirito feminino! Ha no meu interior uma coisa que se chama bilis, e não é culpa minha que não seja formada de granito, bronze, ou géllo dos Alpes; este quer-que-é é sugeito a inflammar-se, mesmo contra minha vontade. Não pude ver a sangue frio o que por ali vao de furores e gritarias por causa das assignaturas medonhas de umas pobres meninas d'um collegio, não vendo motivo assaz grave para tanta berraria, e tanto espalhafato. Sem approvar precisamente, o excesso de zelo, e nimia boa fé com que se sollicitaram as assignaturas das meninas, sempre direi — e apello para o são juizo e imparcialidade de todas as pessoas sensatas. Qual será a mãe honesta, qual será o pae, a não ser athêo, libertino, ou estúpido que se injurie de ver o nome de sua innocente filha figurar sob esta epigraphe — *Não queremos outras cadeias, nem outra liberdade senão aquellas que a religião auctorizou?* — Não sabem ahi todos quaes são as maximas severas que a religião catholica impõe ás donzellas?

Ha nada mais puro, mais decente de que uma religião que prohibe até os mãos pensamentos?

Por felizes se dariam muitos desgraçados paes, e alguns pobres maridos, se suas filhas e esposas, mostrassem pelas suas assignaturas, pelas suas palavras, e mais ainda pelos seus actos, que — *Não queriam outra liberdade se não aquel-*

la que a religião auctorisou. — Ver-se-iam então todas as esposas amantes e fiéis, e todas as filhas ternas e respeitossas. E comtudo, foi ainda essa religião unica mantenedora da verdadeira equidade que, para evitar abusos, marcou certos limites á *supremacia dos maridos, e á auctoridade paterna.*

Não obstante ha quem negue ás meninas de 15 a 17 annos a faculdade de *querer!* E por que não tem ellas querer? O querer é o Eu! é o existir! é a alma! negam-lh'a por acaso, como já fizeram certos hereges antigos, e me parece que querem fazer alguns hereges modernos que os vão imitando muito bem?

Dizem: — que é por que não sabem o que assignam — e as creanças que se baptisam estudaram e conhecem a religião que vão professar? E aquellas a quem logo ao sahir do berço se ensina o Padre nosso, e pouco depois os Mandamentos da Lei de Deus, podem por ventura, medir todo o alcance destes preceitos?

Não está no dever de uma mãe, de uma mestra piedosa e illustrada fazer-lhes ver de uma maneira conveniente, decentissima, e adaptada a sua infantil intelligencia toda a força, toda a santidade dos deveres a que taes preceitos as obrigam? E não podia obrar-se do mesmo modo em relação ao casamento civil?

Vê-se todos os dias que ellas sabem bem mostrar toda a *energia do seu querer*, e a competencia do seu voto em materia de casamento quando, usando do direito de *decidirem da sua sorte*, se deixam tirar por justiça.

Não sendo isto muito bom (a meu ver) sempre é melhor de que o *quererem* energicamente contrahir algum casamento equivoco, civil, ou turco, o que tudo vem a dar no mesmo; me parece, e para estes é que ellas não acham apoio no nosso protesto.

O que compete ao zelo paternal é illustral-as sobre os seus verdadeiros interesses, e educal-as religiosamente para que lhes sejam submissas; mas, a *tyrannia*, o despotismo, a coacção! Arriscarem-nas, sendo christãs, a que, arrastadas pela cegueira d'alguma paixão mal empregada,, casem com um libertino que não quererá casar catholicamente! Exporem-se a um eterno remorso quando, desvanecida a fatal illusão, se vejam ligadas de um modo illegitimo e por

consequencia, perdidas sem remedio no puiso de sua consciencia! Ha faltas para que não ha rehabilitação possivel, e dores para que não ha consolação nem mesmo a do arrependimento! Expor a mulher a cahir mais facilmente em taes faltas, e a soffrer taes dores é horrivel! é monstruoso! e protestámos contra isso.

Mas, disse alguém (e fallava serio!) O protesto é concebido em termos que uma menina não deve comprehender!

Nestes purissimos tempos eleva-se a innocencia até... até á estupidez! Ficámos sabendo agora que uma donzella, que o é, deve entender por casamento — Exequias — e por civil... o... o jornal do Commercio!!!

Tambem uma donzella não deve suspeitar que as meninas da actualidade serão as mães da geração futura — Deus nos acuda! saberem semelhante maldade!! devem acreditar que todas morrerão solteiras, e o mundo acabará d'aqui a 80 annos, pouco mais ou menos. Ora isto é que é raciocinar maravilhosamente, e sobre tudo honestissimamente. É conhecer muito bem a humanidade, a natureza, e tambem a Providencia (que me parece não ousarão accusar de pouco honesta.)

Quando eu vejo uma virgemsinha de 3: a 4 annos brincando com as bonecas, parodiando já uma pequena familia de que se constitue a mãe e tão affectuosa e terna que muitas vezes chora bem amargas lagrimas pela sua querida progenie de trapo e pau... não sei o que pense das judiciosissimas observações dos honestissimos censores, e fico conhecendo simplesmente que, nas meninas, o inexplicavel instincto da maternidade se antecipa á propria razão sem nada manchar a pureza da sua imaginação, e o candido veo da innocencia do seu coração.

Parece-me que em relação ás intimas e mysteriosas intuições do nosso ser, só nós temos o direito, e muito boas razões para fallar com acerto, e não alguém do outro sexo por mais sabio que seja — ainda nenhum homem se transformou em mulher para saber o que por cá se passa.

(No entretanto é indubitavel que nós deveramos ter redigido quatro duzias de protestos a saber:

Um para meninas menores que não sabem o que assignam.

Outro para as mais crecidinhas que não sabem que ha casamentos no mundo.

Outro *pour les femmes savantes* que não entendem de coisas civis — para quem se não realisou o sonho dourado &c. &c.

Outro para as viúvas que o não querem ser, apesar de beatas dirigidas por lazaristas.

Outro para as freiras a quem o fanatismo de execráveis eras tornou irremediavelmente incasáveis.

Outro para as cegas que não podem ver se se casam n'um templo perfumado de flores e incenso, abençoadas por um sacerdote vestido de capa d'asperges, ou n'alguuma loja tresandente a tabaco, e garatujadas por algum veneravel de barrete phrigio, mascara horrorosa, e fita azul a tiracolo.

Outro para as judias que só quererão casar na sua synagoga, tendo, como se sabe, grande odio á liberdade de cultos.

Outro para as protestantes das 1001.^a seitas, que embirram em querer casar, por força, á moda de Henrique VIII, de dulcissima memoria.

Outro para as *Joaquinas Marias*, e *Marias Joaquinas* (observação democrata) que, como cheiram a povo, soberano que governa e reina, não tem voto na materia, apesar de princezas!!

Outro para as excellentissimas que usam todos os appellidos de todos os avós desde Noé até aos contemporaneos.

E finalmente outro! Outro especialissimo, delicadissimo, sublimissimo para as *donzellas pulibundas*, *esposas comedidas*, *matronas respeitaveis*, *anjos de consolação*, iris de paz, estrellas do norte &c. &c. unica gente que é gente no globo mais proximo da lua.

Mas, que hade ser! Nós, intelligencias tapadas, massas informes e tenebrosas que o obscurantismo atirou cá para este fóco de luz.

Nós, tartufos de saias, mulheres grosseiras asadas a furores masculinos, que se não sabe se são *Elles* ou *Ellas*, de mascara.

Nós, que nos atrevemos a publicar em boa lettra redonda a inepecia nunca lida, a maxima bestialidade de que a alma não tem sexo!! quando todos sabem que é do genero feminino!!

Nós, que, sem respeito pela nossa dignidade; calcando aos pés todas as leis do decoro, ousámos citar... ó vergonha!! o deshonestissimo Chateaubriand!! o immoralissimo Ségur!! Quando deveramos antes, para seguir os gostos pronunciados da actualidade, citar Renan, Prôudhon, Paulo de Kock, &c. &c. — leituras especiosas de *algumas donzelas pudibundas*, e que ficam sempre pudibundas antes da lição, na lição, e depois da lição.

Nós, que, dando um sopapo em Molière, nos atrevemos a mostrar algum conhecimento da historia das perseguições da Igreja — tudo isto com a maliciosa intenção de ir tumultuar nas côrtes — dar á taramella com os dignos pares — bater nos deputados — tirar os olhos aos continuos — deitar fogo ao forum — despedaçar as redacções — matar os redactores e... fugirmos!

Em que tempo estamos nós?!?!?! dão-se destas aberrações em pleno seculo xix!!!

Ora á vista disto, o que se podia esperar de semelhante gente! Absurdos, por força!) E, fechando este longo parenthesis direi; que fizemos um só protesto que conviesse egualmente ás senhoras de todas as *edades*, e classes:

Para as mães, em nome das suas ~~filhas~~.

Para as meninas, em nome da sua felicidade e do seu futuro.

Para as anciãs, em honra da dignidade do sexo feminino.

Para as religiosas, em honra de um sacramento.

E para *todas* em nome da Religião, familia, e patria a que todas pertencem.

M. C. C. F.